

O DESAFIO DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Edneia Freitas de Lima¹

Francisca Rosa da Silva Peres²

Renata Buosi Monteiro³

Cláudia Lopes Perpetuo⁴

Vivianne Augusta Pires Simões⁵

LIMA, E. F. de; PERES, F. R. da S.; MONTEIRO, R. B.; PERPETUO, C. L.; SIMÕES, V. A. P. O desafio da educação na contemporaneidade. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 91-100, jan./jun. 2016.

RESUMO: O presente estudo reflete sobre alguns avanços e desafios da educação. A questão preliminar é o desafio da educação na atualidade ao longo da história. Modernamente é produzir o desenvolvimento como um todo, tendo como ponto de partida a contemporaneidade, o que não parece ser tão simples, pois muitas vezes são vistos como dois paradoxos. Em verdade, esses dois pilares da educação completam-se. Uma das características da sociedade moderna é interrogar-se a si mesma. Indagações como “quem somos e para onde vamos” são questionamentos frequentes. Não é, portanto, por outro motivo que as ciências humanas ergueram-se para colocar no centro do universo o homem.

PALAVRAS-CHAVE: Contemporaneidade; Democracia; Desafio; Educação; Gestão.

THE CHALLENGE OF CONTEMPORARY EDUCATION

ABSTRACT: This study discusses some advances and challenges of education. The primary issue is the challenge of current education throughout

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia; Endereço: Rua Cruz e Souza, nº 2414, Bairro: Sonho Meu. CEP: 87510-039. Umuarama, Paraná; E-mail: edineiafreitaspdg@hotmail.com

²Acadêmica do Curso de Pedagogia; Endereço: Rua dos Motoristas, nº 4417, Bairro: 1º de Maio. CEP: 87509-690. Umuarama, Paraná; E-mail: franciscarosaperes@hotmail.com

³Acadêmica do Curso de Pedagogia; Endereço: Avenida Doutor Cássio Gastão Vidigal, nº 3126, Bairro Zona VII. CEP: 87503-500. Umuarama Paraná; E-mail: renatabuosi@hotmail.com

⁴Mestre em Psicologia. claudiaperpetuo@unipar.br

⁵Mestre em Educação. vivianne@unipar.br

history. The development is usually produced as a whole, with starting point in the contemporary age, which is not as simple, since many times they are seen as two paradoxes. In fact, these two pillars of education complement each other. One of the characteristics of modern society is to question itself. Questions such as “who are we and where are we heading to?” are quite common. Therefore, it is not by any other reason that human sciences rose to become the center of the human universe.

KEYWORDS: Education. Challenge. Contemporaneity. Democracy. Management.

EL RETO DE LA EDUCACIÓN EN LA CONTEMPORANEIDAD

RESUMEN: Este estudio discurre sobre algunos avances y retos de la educación. La cuestión preliminar es el reto de la educación en la actualidad a lo largo de la historia. Modernamente es producir el desarrollo como un todo, teniendo como punto de partida la contemporaneidad, lo que no parece ser tan simple, pues muchas veces son vistos como dos paradojos. En verdad, esos dos lados de la educación se completan. Una de las características de la sociedad moderna es interrogarse a sí misma. Indagaciones como “¿Quién somos y para dónde vamos?” son preguntas frecuentes. No es, por lo tanto, por otro motivo que las ciencias humanas se alzaron para poner en el centro del universo el hombre.

PALABRAS CLAVE: Contemporaneidad; Democracia; Educación; Gestión; Reto.

INTRODUÇÃO

O desafio que a educação representa na contemporaneidade verso desenvolvimento. A questão, ou melhor, as questões são colocadas hoje como dois paradoxos. Em outras palavras como é possível alcançar os dois objetivos, já que eles se completam. Segundo Moreira e Kramer (2007, p 96) a Ética, Ciência e Sustentabilidade: “Ambos nascem, ou são inventados, no interior daquilo que denominamos normalmente modernidade. A educação, tal como a conhecemos hoje, e o desenvolvimento, tal como o concebemos hodiernamente, são frutos da sociedade moderna”.

Todavía, nem sempre foi assim. No passado eram simplesmente dois processos que se desenvolviam estanques, compartimentados, mas

não integrados.

Uma das características da sociedade moderna é interrogar-se a si mesma. Não é, portanto, por outro motivo que as ciências humanas ergueram-se para colocar no centro do universo o homem, cujos resultados os homens comentam e partilham. Assim, os resultados hoje são reflexivos. Mas, ao indagarmos quem somos ou para onde vamos, questões que permeiam o pensamento do homem contemporâneo, não estamos também fazendo as mesmas questões da filosofia clássica? De certo modo, sim, mas com outras palavras. Igualmente outras indagações surgem: Qual é o curso mais prático? Qual me renderá mais dinheiro?

Todas essas questões são da natureza humana, que nela nascem e nela deságuam ao fim dos dois processos acima enunciados: escola e democracia.

Contudo a discussão do desenvolvimento está associada ao pensamento clássico do mundo moderno e após do mundo contemporâneo. Não é possível fazê-las sem o abordar a Iluminismo e o Positivismo, de August Comte, bem como a sua ideologia desenvolvimentista (veja-se a divisa Ordem e Progresso, que aparece na bandeira brasileira).

Outras questões impõem-se também, como: Qual é o papel da educação neste contexto? Para onde ela vai? Como preparar o educando para o próximo milênio? Ela será apenas mão de obra para o mundo capitalista em que vivemos? Ou ele poderá encontrar novos caminhos?

Sabe-se que a preparação é imprescindível. Não há atalhos para o sucesso. Após o avanço gradativo da educação para toda a sociedade, há que se pensar agora na qualidade do ensino, alvo maior da educação como um todo. Não se prepara uma comunidade para a sua vivência plena sem preparar seus educadores.

O SURGIMENTO DA ESCOLA

A escola, como instituição somente surgiu nos tempos modernos e contemporâneos. No passado, aos tempos da Grécia Clássica, tinha caráter privado. Em tempos mais recentes, a partir do século V, D.C., era mantida pela Igreja, como uma espécie de baluarte do conhecimento, o qual devia ser reproduzido continuamente.

Segundo a Unesco (2001, p. 99) “e sua definição mais consensual

pode ser assim expressa: espaço generalizado de socialização e transmissão de conhecimento, separado da produção. E claro que ela é também o espaço de produção de conhecimentos.”

Na passagem do século XIX para o século XX a escola expandiu consideravelmente para suprir três argumentos:

1. Econômico: necessidade de mão de obra em face do avanço do capitalismo e suprir a industrialização;
2. Político: universalização dos direitos civis e constitucionais do cidadão;
3. Nacional: para que o cidadão possa pleitear seus direitos e cumprir seus deveres é preciso que deixe de ser analfabeto.

Após a Segunda Guerra Mundial uma nova leitura do papel da escola:

1. Foi determinante para que o homem possa ascender socialmente;
2. Investir em educação significa queimar etapas no desenvolvimento social do trabalhador e econômico do país;
3. Possibilitar o dever cidadão. Desenvolver o indivíduo socialmente a agregá-lo ao país, à pátria, o que seria uma espécie de cidadania da cidadania ou identidade da identidade. Há um slogan que reflete bem essa necessidade: integrar para não entregar. Aliás, foi com esse lema que as nações tentam ocupar seus espaços antes que outras o façam. Como todas as mazelas, que aqui não cabem, que ocupam-se, embora desordenadamente, a Amazônia hoje, que os militares lançaram e construíram a transamazônica, etc.

Praticamente três contingentes de intelectuais se dedicaram a esses processos. Bourdieu na França, e Luiz Antonio Cunha, no Brasil, estabeleceram que a escola era meramente reprodutora do conhecimento, sem capacidade de análise.

A partir de 1970 ou pouco menos, a força produtiva braçal foi perdendo espaço para as máquinas, sobretudo no meio rural. Se por essa época 70% da população era rural, hoje mal chega a 10%. O Brasil é hoje um dos maiores produtores e exportadores de produtos agrários. Houve uma revolução no campo. Por outro lado, produziu-se um êxodo rural

sem precedentes.

Não significa que no futuro só haverá trabalho para os altamente qualificados. Exemplos não faltam nas usinas de álcool, onde os próprios trabalhos rurais são treinados para manipular as colheitadeiras em cursos rapidíssimos e curto espaço de tempo, exceto os analfabetos.

No Brasil, em face disso, inicialmente o êxodo rural expulsou os trabalhadores do campo e alocou-os em favelas. “A perda da força argumentativa que relaciona educação e desenvolvimento e ainda maior entre os intelectuais que acreditam na irreversibilidade das atuais tendências econômicas e, mais, que creem que o mundo do trabalho, tal como foi criado no século XIX, desaparecera no século que se inicia.” (DE MASI, 2000).

O MAIOR DESAFIO DA EDUCAÇÃO

A grande incógnita é saber se a escola incorporará as camadas mais humildes da população ou vai excluí-las.

1. Há três possibilidades: muitos são autores e suas opiniões, mas o mundo futuramente será mais afetado pela globalização e desenvolvimentista, com impactos ambientais mais baixos mas persistentes. Em outras palavras será mais rico e mais integrado e desigual.
2. Maior integração econômica, leve disputa hegemônica, avanço tecnológico e menor degradação ambiental e menor desigualdade social.
3. Fragmentação visível, reversão da globalização, baixo crescimento, mais conflituoso, mas menos e mais desigual.

Conforme a Unesco (2001, p. 111) “ora, se estas são as tendências de força do futuro que nos aguardam, não há como deixar de realizar uma profunda reforma educacional, pois em todos os cenários as inovações persistirão, embora em ritmos diferenciados. Mudar radical e rapidamente não apenas a estrutura escolar, mas também seus métodos de funcionamento.”

Para tanto, é necessário implantar uma escola de qualidade, bem como o aprendizado profissional deve ser pensado como um espaço inte-

grado, aberto e flexível.

Os desafios vindouros são gigantescos.

A GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA

Ao elaborar um evento, o palestrante depara-se com os seguintes dilemas: não é tão simples a identificação do espaço e dos caminhos que gestão democrática, no plano real, deve enfrentar. Que temas a escola deve palmilhar, a intenção daqueles que estão a convite e daqueles que podem se beneficiar. Segundo a Unesco (2001, p.2):

O caminho mais difícil, porém mais promissor, é o de procurar partir da situação concreta das necessidades que provocaram o encontro entre coordenadores (organizadores), expositores e participantes do evento, em busca da construção, em conjunto, de alternativas quantitativamente ou de ratificar e/ou retificar posturas e ações em processo de implementação. (FREIRE, 1998, p. 98).

Nesta terceira via as partes (polo ativo e polo passivo) se interagem para a convergência de pontos amplamente discutidos em busca de um consenso.

Mas, alcançar a Pedagogia de Autonomia definida por Paulo Freire é ainda uma tarefa posta para a escola atual. Durante anos, desde o século XIX, a escola ideal proposta pelo Estado ao cidadão era seletiva (apenas destinada às camadas mais ricas da sociedade). A classe trabalhadora devia continuar analfabeta. A contemporaneidade ampliou massivamente a escola para todos os segmentos, pecando pela qualidade.

A escola atual foi esquematizada no bojo de alguns pilares: igualdade, liberdade, democracia, propriedade etc. É sabido que há necessidade de mudança, porém como fazer com que a escola seja ponto de referência? É preciso diferenciar a escola participativa, principal desafio da contemporaneidade, da escola do faz de conta, a que o autor faz referência (cf. Cunha, 1975).

Conforme Bianchetti (2013, p. 7) “a título de exemplo e devido à exiguidade de espaço, apenas relacionamos algumas obras que evidenciam o quanto a ideia de crise, de mudanças, de passagem de uma condi-

ção de hegemonia sem concorrência para a percepção de que a burguesia e seu ideário não passam de uma contradição em processo. Enfim, passamos de uma situação aparentemente segura, hegemônica, de certezas, para uma de mudanças rápidas ou conforme veremos, na qual tudo é proclamado ‘líquido’, apresentando riscos, gerando perplexidades, incertezas, de “fins” 8 diversos etc.”

O processo da escolha da autoridade que gerirá a unidade de educacional é uma necessidade do avanço da informação e da comunicação. A autoridade legitima-se pela livre-eleição de seus pares e da comunidade de uma maneira geral.

“Torna isto mais claro ao falar de “aparelhos ideológicos de estado”, explicitando que sejam eles “repressivos” ou “ideológicos” (SAVIANI, 1984) garantiam o *status quo*, a ordem vigente, o funcionamento ‘harmônico’ das instituições, dado que a uns cabia o comando e a outros a obediência. E pouca ou nenhuma discussão ou discordância havia. As instituições convergiam e, de certa forma, davam segurança, fazendo com que os saudosistas dessas diversas formas de autoritarismo afirmem que “naquele tempo é que era fácil” gerir uma escola, concretizar o processo ensino-aprendizagem e manter a ordem, em termos gerais.” (ALTHUSER (s.d.) apud BIANCHETTI 2013, p. 10)

O mundo está em transformação. Além das mudanças teóricas e metodológicas a, escola está estruturada hoje de forma diferente. Agregou-se a ela uma organização e funcionamento social de uma sociedade em mudanças, no trabalho, nas pesquisas, na organização das empresas, na gestão das escolas e na forma de ensinar e aprender.

Não há mais espaços para o gestor nomeado politicamente. Este é o conflito, a anomalia escolar dentro do social que precisa ser extirpada, ao passo que para os gestores eleitos, representantes com poder outorgado pelo voto, pela escolha, as disparidades trazem dentro de si um potencial pedagógico, cujo proveito advirá da gestão coletiva e crítica. É o lugar da população escolar participativa. É nesse sentido que o conflito não é um problema a ser contornado para “agradar” quem indicou o gestor/gerente, mas uma possibilidade a ser aproveitada para qualificar o trabalho pedagógico amplo e disseminador de novas estruturas capazes de responder aos desafios sociais. É por meio dele que a comunidade passa a ser atendida e avança em seus projetos. Portanto, falar em gestão

democrática e participativa é sinonimamente o ponto crucial de toda a pedagogia moderna e não excludente. A eleição é o ponto de partida para a liberdade pedagógica da escola e do professor, e que fará a educação criadora, crítica e libertadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão pode ser posta da seguinte maneira: como conciliar educação contemporânea e desenvolvimento, uma vez que eles se completam, ou devem se completar.

Conforme a Unesco (2001, p.96) os desafios são grandes. “A educação, tal como a conhecemos hoje, e o desenvolvimento, tal como o concebemos hodiernamente, são frutos da sociedade moderna.”

Vivemos hoje numa sociedade voltada para si mesma, que nem sempre dialoga consigo mesma. E é neste contexto que a sociedade exige das Ciências Humanas respostas. Afinal, para onde vamos e o que pretendemos? No bojo dessas outras rugem: Qual é o curso mais prático? Qual me possibilitará mais rendas e um padrão de vida superior. Todas essas questões são da natureza humana, que nela nascem e nela deságuam ao fim dos dois processos acima enunciados: escola e democracia.

Mas, a escola moderna ou antiga não é uma invenção da sociedade? Se no passado ela tinha caráter excludente e privado, em nosso tempo, desde o século XIX, passou a ser um instrumento ideológico para formar mão de obra para o capitalismo. Isto é, um espaço exíguo de socialização e transmissão do pensamento dominante da classe dominante, separado da produção, mas reprodutora do conhecimento dito oficial dos programas a serem cumpridos. É para suprir as necessidades econômicas (mão de obra barata), expansão dos direitos civis do cidadão, e conhecimentos básicos para que possa cumprir o ideário capitalista (saber ler e escrever).

Após a Segunda Grande Guerra uma nova leitura sobre a educação fez-se necessária: a sociedade exigiu que a escola pudesse fazer a ascensão do cidadão. Possibilitar o dever-cidadão; não só desenvolver o indivíduo socialmente como agregá-lo ao país, à pátria. Mas, sem capacidade de análise do contexto social, político e econômico.

Todavia os desafios da sociedade pós-guerra tornaram mais avas-

saladores. O mundo agrário deu lugar ao mundo industrial, que por sua vez passou a exigir mais mão de obra qualificada. No Brasil, a partir da década de 70, o campo expulsou cerca de noventa por cento de sua população, em face das novas tecnologias.

Não são poucos os intelectuais que acreditam na perda da força argumentativa que relaciona educação e desenvolvimento. E que vaticinam que o mundo do trabalho, como foi criado no século XIX (formar mão de obra, expansão dos direitos civis, aprender ler e escrever) dará lugar a uma escola crítica e formadora de cidadãos conscientes.

Se não há mais espaço para o gestor nomeado politicamente, então a escola deve ser participativa, de tal maneira que possa agregar todos os segmentos sociais e dar respostas aos seus conflitos e seus dilemas. É por meio dele que a comunidade passa a ser atendida e avança em seus projetos. Portanto, falar em gestão democrática e participativa é sinonimamente o ponto crucial de toda a pedagogia moderna e não excludente. A eleição é o ponto de partida para a liberdade pedagógica da escola e do professor, e que fará a educação libertadora, congregando todos os segmentos e suas necessidades.

REFERÊNCIAS

- BIANCHETTI, L. **Educação na contemporaneidade: gestão democrática e participativa; desafios para a ação política; relações de trabalho e ética.** Florianópolis, 1996.
- BUENO, E. S. **Perfil News**, 08 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.perfilnews.com.br/artigos/artigo-a-educacao-e-seus-desafios-no-brasil-de-hoje>>. Acesso em: 23 ago. 2015.
- EDIÇÕES Unesco Brasil. **Ciência, ética e sustentabilidade: desafios ao novo século.** São Paulo, 2001. p. 159-188.
- FREIRE. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. v. 25.
- GRINSPUN, M. P. S. Z. Contribuição da psicologia da educação. **Anuário do GT de psicologia da educação**, n. 1, 2000.

MOREIRA, KRAMER. Contemporaneidade, educação e tecnologia. **Educ. Soc.** Campinas, v. 28, n.100, p.1037-1057, 2007.

REALI, MEDEIROS. **Gestão escolar e os desafios educacionais:** articulações dos saberes pedagógicos. Unicentro, 2010.

SAVIANE, D. Escola e democracia. **Educação, Pedagogia**, São Paulo, v. 1, n. 41, 1997.

SOUZA, G. N. de. Gestão democrática escolar: reflexões e desafios. **Dialógica**, v. 1, n. 7, 2011.

Recebido em: 28/01/2016

Aprovado em: 30/03/2016